

Tempo firmou para Serra

ntes de o governador Mário Covas usar da veemência para dizer, no programa Roda Viva, da TV Cultura, que não será mesmo candidato a presidente da República, políticos que trabalham bem próximos ao presidente Fernando Henrique Cardoso vinham anotando que, se há algo de novo, neste momento, com relação à sucessão de 2002, é exatamente o arrefecimento da crença na candidatura Covas. Ele estaria um pouco menos candidato hoje do que há um mês, por exemplo. Ou, para usar a linguagem preferida dos intérpretes de pesquisas, o grupo de políticos do seu partido o perceberia menos candidato agora.

Analistas que trabalham com margem de segurança continuam temerosos de tirar conclusões definitivas neste campo. O governador tem sua credibilidade, neste particular, bastante abalada, por haver se colocado em oposição radical à reeleição e à recandidatura ao governo de São Paulo, e, no momento adequado, participado alegremente da campanha e obtido vitória. Poderia estar ele repetindo a estratégia, por que não? Poderia.

Alimentando as dúvidas, temos seus mais próximos e queridos amigos e colaboradores ainda torcendo pela candidatura a presidente e garantindo que quando chegar a hora de a onça beber água, lá estará Covas comandando o espetáculo.

A diferença entre esta crença e o cenário que se descortina há dois ou três dias é que, dos íntimos aos mais distantes, colhe-se a impressão de que Covas está realmente com sua candidatura menos nítida. Isto não teria nada a ver realmente com o câncer, que combate há um ano e meio, doença sobre a qual falou com emoção mas absoluto controle no programa de anteontem. Na TV, o governador parecia mais saudável do que estava, por exemplo, na campanha da reeleição. A desistência de eleições futuras, portanto, seria por gosto e não por restrição.

Não sendo Covas o candidato do PSDB, nome natural que

dispensaria a análise de alternativas, o partido conta com José Serra, o ministro da Saúde, e Tasso Jereissati, o governador do Ceará. Na avaliação do momento, o ministro bate com folga o governador. Embora Tasso tenha este mês retomado contatos em Brasília, São Paulo e Rio, reassumido a desenvoltura perdida nas críticas ao governo federal e dado sinais

Quem debanda volta ao lugar

de que campanha é algo que se pode retomar a qualquer momento, enfrenta obstáculos quase intransponíveis para tornar crível a sua candidatura.

Tasso transita melhor entre os políticos e tem condições de manter a aliança que sustentou o governo Fernando Henrique e que o presidente gostaria de preservar — Covas, por exemplo, rifou na entrevista de anteontem a aliança, sem cerimônia, atestando que ela não tem condições de repetir-se porque foi feita em torno de Fernando Henrique e não do PSDB — mas só isto não basta para Tasso enfrentar os problemas que tem pela frente. Entre eles, o maior seria o fato de não ter nenhum grau de controle sobre o processo sucessório por causa da candidatura a presidente de seu aliado e também cearense Ciro Gomes, pelo PPS.

MAIOR

E CONDOMÍNIO

16 AGO 2000

Serra é visto como infinitamente mais forte. Tem contabilizado acertos no Ministério que lhe foi designado exatamente para instrumentalizá-lo com este fim. Seu cacife eleitoral é São Paulo, o maior colégio entre todos, e é visto como um tucano capaz de conquistar o apoio do PMDB e, quem sabe, por falta de opção, até o PFL, que não tem candidatura competitiva no páreo. Ao esmaecimento da candidatura Covas, corresponde a nitidez da candidatura Serra e não Tasso.

Alguém dirá, e já se disse por aqui, que uma candidatura puro sangue, com os dois líderes do PSDB, um ao Norte outro ao Sul, seria alternativa imbatível a se examinar. O que dar aos aliados? Nesses tempos de indefinições não se deve desprezar, porém, nenhuma hipótese. Já se disse, até, que a candidatura de Pedro Malan, o ministro da Fazenda, não pode ficar fora do espectro nesta fase especulativa. Tudo se compõem em um quadro de dúvidas.

No retrato do momento, entretanto, se destaca uma certeza. A de que é atentado à governabilidade decidir-se o presidente por um candidato à sua sucessão faltando mais de dois anos para terminar o mandato. Pode até ter um nome preferido, considerar mais viável uma das alternativas que se colocam, ter expectativa de que ainda vão surgir novidades. Escolher, entretanto, Fernando Henrique não vai.

Muito menos o fazer sob a pressão dos que temem, pela demora, a debandada de tucanos e pemedebistas para a candidatura de Ciro Gomes. Os que debandam para um lado, debandam de volta ao lugar, e não é por meia dúzia de pássaros sem rumo que o presidente deve orientar projeto de tal magnitude.

Rosângela Bittar é chefe da Redação, em Brasília.

Escreve às quartas-feiras

E-mail rosangela.bittar@valor.com.br